

**Imigrante refugado: a condição marginal do estrangeiro em
Estive em Lisboa e lembrei de você, de Luiz Ruffato**

***Wasted Immigrant: the marginal status of foreigners
in Estive em Lisboa e lembrei de você*, by Luiz Ruffato**

Samira Pinto Almeida¹

Resumo: Em *Vidas desperdiçadas*, Zygmunt Bauman atenta para os problemas decorrentes do crescimento da população pobre. Os miseráveis, excluídos do estilo de vida consumista, não contribuem com a lógica da produção e, por esse motivo, são designados resíduos do sistema – um mal inevitável. Ora, é tarefa dos governos decidir como tratar e onde depositar o “refugo humano”. Frequentemente, as nações apostam na remoção dos sujeitos indesejáveis, incentivando o deslocamento geográfico. A incontestável onda de migrações efetuada pela massa de refugados, iniciada no século XX e intensificada nos dias atuais graças à globalização, impõe à crítica refletir se a questão da diáspora torna-se cara também às artes e à cultura. Luiz Ruffato está entre os escritores comprometidos com esse tema a ponto de privilegiar, em sua literatura, a representação de sujeitos redundantes em trânsito. Um exemplo disso é o romance *Estive em Lisboa e lembrei de você*, cuja enunciação, em primeira pessoa, é produzida por Sérgio de Souza Sampaio, um cataguasense pobre e esperançoso, que sonha em ascender socialmente através do trabalho ilegal realizado na capital portuguesa. Este artigo pretende analisar a construção desse personagem ruffatiano e suas desventuras a partir da noção de “refugo humano”, de Bauman, noção que lança luz sobre a condição do imigrante miserável.

Palavras-chave: literatura brasileira contemporânea; Luiz Ruffato; refugo humano; Zygmunt Bauman.

Abstract: In *Wasted Lives*, Zygmunt Bauman alert to the problems arising from the increase of the poor population. The poor, excluded from the consumer lifestyle, do not contribute to the logic of production and, therefore, are considered as residues of the system – as an unavoidable evil. Indeed, it is up to governments to decide how to handle and where to deposit “human waste”. Often, nations are committed to removal of unwanted subjects, encouraging geographical displacement. The undeniable wave of migrations performed by the expelled mass, which began in the twentieth century and is intensified nowadays thanks to globalization requires the criticism to reflect if the issue of diaspora is valued to arts and culture as well. Luiz Ruffato is among the writers committed to this issue to the point of privileging, in his literature, the representation of redundant subjects in transit. An example is the novel *Estive em Lisboa e lembrei de você*, whose enunciation is produced by the first-person narrator, Sérgio de Souza Sampaio, a poor and hopeful inhabitant from Cataguases who dreams about social mobility through illegal work in the Portuguese capital. This article

¹ Doutoranda em Teoria da Literatura e Literatura Comparada pela Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais. E-mail: samira.letas@gmail.com

analyzes the construction of this ruffatian character and his misadventures through the notion of “human waste”, by Bauman, a notion that sheds light on the miserable condition of the immigrant.

Keywords: contemporary Brazilian literature; Luiz Ruffato; human waste; Bauman.

Recebido em 30 de junho de 2015.

Aprovado em 27 de julho de 2015.

“Nós estamos lascados, Serginho”, aqui em Portugal não somos nada, “Nem nome temos”, somos os brasileiros, “E o que a gente é no Brasil?”, nada também, somos os outros [...] RUFFATO, Estive em Lisboa e lembrei de você, p. 78

Em *Vidas desperdiçadas*, Zygmunt Bauman compara a crescente produção de lixo, fruto das sociedades capitalistas, ao aumento de grupos humanos excluídos do sistema econômico vigente. Para o filósofo, o “refugio humano” se transformou em uma questão primordial da contemporaneidade, posto que tal parcela da população suscita aos Estados o seguinte problema: o que fazer com o número demasiado de sujeitos que não são consumidores, nem trabalham em prol do capital, sendo antes o resto do processo de modernização? Tal refugio é o efeito colateral da lógica que organiza o mundo atual (objetos, conhecimentos, sujeitos) através da categoria de mercadoria. De um lado, aquilo que não pode ser consumido² é imediatamente desvalorizado, considerado inútil; de outro, aqueles que não são produtores e/ou consumidores são vistos como um entrave ao desenvolvimento. Prova desse último aspecto é que os refugados pesam nas finanças das nações – eles, geralmente, não possuem os “meios de sobrevivência”, e, por isso, precisam do apoio humanitário. O fato é que tudo aquilo classificado como lixo ou resto só é lembrado quando traz uma ameaça real à ordem, uma vez que o foco das atenções se encontra, frequentemente, na produção, e não no refugio.

O excesso de sujeitos redundantes está atualmente no centro das preocupações dos governos, principalmente porque o resíduo inerente ao sistema capitalista gera outros efeitos indesejáveis, tais como a escassez de recursos naturais, os altos gastos com a máquina pública (pois é preciso expandir os programas de assistência), o crescimento populacional desordenado (visto que os sujeitos redundantes tendem a se multiplicar) e as grandes parcelas de emigrados e refugiados. Segundo Bauman:

Desde o princípio, a era moderna foi uma época de grandes migrações. Massas populacionais até agora não calculadas, e talvez incalculáveis, moveram-se pelo planeta, deixando seus países nativos, que não ofereciam condições de sobrevivência, por terras estrangeiras que lhes prometiam melhor sorte. (BAUMAN, 2005, p. 50)

² Podemos citar como exemplo dessa afirmação o modo como parte dos pesquisadores brasileiros avalia o crescimento da produção intelectual no país. Uma vez que tal produção é impossível de ser plenamente absorvida pela sociedade, os estudos de menor impacto são, sumariamente, desqualificados pelos críticos do atual sistema de fomento à pesquisa. A esse respeito, indicamos a leitura do artigo “Produção científica e lixo acadêmico no Brasil”, escrito pelo físico Rogério César de Cerqueira Leite e publicado no jornal *Folha de S. Paulo*. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/opiniao/202892-producao-cientifica-e-lixo-academico-no-brasil.shtml>>. Acesso em: 18 ago. 2015.

Diante da massa populacional de imigrantes miseráveis, as grandes potências (como os Estados Unidos da América) se veem inclinadas a fechar suas fronteiras e a endurecer as regras de concessão de vistos, valendo-se do discurso nacionalista a fim de evitar os problemas econômicos e culturais decorrentes dos trânsitos humanos. Poderíamos nos questionar se haveria possibilidade de hospitalidade ao sujeito estrangeiro, que não é benquisto sequer em sua própria nação e que chega ao território do outro mercado por essa recusa da pátria. Possivelmente, não se trata, aqui, de pensar o estrangeiro como parricida (DERRIDA, 2003, p. 7), isto é, como aquele que chega órfão ao solo estrangeiro porque rompeu com a lei paterna (da pátria), mas sim como alguém que toma para si as vestes de uma ovelha negra abandonada pelos seus progenitores. Na primeira comparação, o estrangeiro pratica a ação de corte (ele é parricida), enquanto na segunda ele sofre a ação (é refugado). Pensemos, por exemplo, no caso do imigrante ilegal que busca no exterior melhores condições de vida, condições efetivamente negadas por sua pátria. Muitas vezes, ele é visto com desprezo³ no país de chegada, como uma visita inconveniente que bate à porta em momento inoportuno. A tal figura não cabem, portanto, as gentilezas dispensadas a um hóspede, posto que, enquanto “parasita”⁴, ela vem se alimentar de forma exploratória do corpo social. Sem documentos, sem condições de se autoprover, sem um nome de família reconhecido em terras estrangeiras, esse tipo de imigrante, conforme tentaremos demonstrar a partir da análise de um texto ficcional, não possui as credenciais necessárias para ser recebido com hospitalidade.

Uma vez que o “refugo humano” não tem limite ou autodefesa que barre sua proliferação, os Estados e seus subordinados criam estratégias de controle nem sempre éticas. A esse respeito, Bauman cita a recusa das grandes indústrias farmacêuticas em colaborar, através da redução do custo de medicamentos, com o tratamento da AIDS na África, recusa responsável por reduzir consideravelmente o tempo de vida de milhares de pessoas nesse continente. Outra medida de controle é o fortalecimento do sistema prisional: a cadeia se transforma, na contemporaneidade, em espaço de depósito do “refugo humano” local, cabendo a cada comunidade dar conta do seu próprio “lixo”⁵ para que ele não vá parar na porta do “vizinho”. No Brasil, as favelas cumprem função semelhante ao dos *hiperguetos* (termo desenvolvido por Loic Wacquant, citado por Bauman, 2005, p. 101), servindo também

³ Pensemos, por exemplo, nos casos recentes de imigrantes africanos que partem da Líbia e cruzam o mar Mediterrâneo, em condições precárias, correndo até mesmo o risco de morrer à deriva, a fim de encontrar apoio humanitário na Itália. Segundo fonte do jornal *BBC* (19 de abril de 2015), o primeiro ministro italiano, Matteo Renzi, chamou o tráfico de pessoas de “uma praga em nosso continente” e solicitou um posicionamento da União Europeia para que a Itália não seja a única nação a enfrentar o problema.

⁴ A esse respeito, talvez seja pertinente recordar uma distinção pensada por Jacques Derrida: “Como distinguir entre um hóspede (*guest*) e um parasita? Em princípio, a diferença é estrita, mas para isso se exige um direito; é preciso submeter a hospitalidade, a acolhida, as boas-vindas, a uma jurisdição estrita e limitativa. Nenhum que chega é recebido como hóspede se ele não se beneficia do direito à hospitalidade ou do direito ao asilo, etc.” (DERRIDA, 2003, p. 53)

⁵ Segundo João Batista Bittencourt, “as prisões, que antes possuíam a tarefa de reciclagem, se tornaram também depósitos de lixo. Reciclar não é mais lucrativo, então é preciso acelerar a ‘biodegradação’.” (2004/2005, p. 353) Tal afirmação traduz bem a condição do sujeito encarcerado hoje no Brasil, que vive em penitenciárias superlotadas. Parece haver, sobretudo, um esforço do governo em confinar o Outro ameaçador, ao invés de procurar impedir, de forma preventiva, através de ações de restituição da cidadania, a entrada dos sujeitos marginalizados no crime. Um exemplo disso é a ementa aprovada pela Câmara dos Deputados em julho deste ano que prevê a redução, em casos específicos, da maioria penal para 16 anos (SCHREIBER, 2 de julho de 2015). Assim, as medidas do governo trabalham em prol da retirada do infrator da comunidade, quando deveriam colaborar para o tratamento da causa da violência, a saber: a desigualdade social.

como forma de manter o desagradável longe dos olhos, posto que elas segregam (espacial, social e culturalmente) os sujeitos já marginalizados pelo capitalismo. Diante de tais métodos de contenção local de refugio, não é de se surpreender que o deslocamento geográfico se torne uma saída desejada pela população miserável. Conforme observa Silviano Santiago, vivemos hoje um novo tipo de pobreza:

Está criada uma nova e até então desconhecida forma de *desigualdade* social, que não pode ser compreendida no âmbito legal de um único estado-nação, nem pelas relações oficiais entre governos nacionais, já que a razão econômica que convoca os novos pobres para a metrópole pós-moderna é transnacional e, na maioria dos casos, também é clandestina. [...] Para o camponês miserável e voluntarioso, assim como para os operários desempregados no mundo urbano, a desigualdade social na pátria vem propondo um *salto* para o mundo milionário e transnacional. Salto meio que enigmático na aparência, mas concreto na realidade. Esse salto é impulsionado pela falta de opção pela melhoria econômica e social na própria aldeia e, muitas vezes, nos pequenos centros urbanos do próprio país, como é o caso da região de Governador Valadares, em Minas Gerais. [...] Rejeitado pelos poderosos estados nacionais, evitado pela burguesia tradicional, hostilizado pelo operariado sindicalizado e cobiçado pelo empresariado transnacional, o migrante camponês é hoje o “mui corajoso” passageiro *clandestino* da nave de loucas da pós-modernidade. (SANTIAGO, 2004, p. 51-52, grifos do autor)

Santiago (2004) sustenta acima que as grandes metrópoles recrutam, sorrateiramente, sujeitos migrantes para ocupar de forma ilegal os subempregos disponibilizados por um sistema calcado na desigualdade (de oportunidades e, por conseguinte, de salário). Essa afirmação, embora adequada para certos contextos, não se aplica à parcela de miseráveis considerada de menor valor no mercado (os sujeitos redundantes, tidos como incapazes de exercer qualquer atividade, tal como os africanos são vistos, atualmente, pela Itália). Cumpre lembrar também que a crise mundial, responsável por afetar a economia de grandes nações na última década, contribuiu para uma queda na absorção desse novo proletariado vindo de outras terras. Diante das altas taxas de desemprego (um dos efeitos mais evidentes da crise), os subempregos, anteriormente recusados pelos nativos das potências mundiais, hoje são vistos por eles como uma opção viável. Além dos imigrantes pobres, há os refugiados de guerra, forçados de modo mais evidente a deixar suas casas e a pedir abrigo à outra nação, sendo muitas vezes mal acolhidos – e, neste ponto, eles comungam da sina do “refugio humano” migrante. Edward Said nos conta, em *Reflexões sobre o exílio*, sobre a condição precária de seu amigo Noubar, um armênio que precisou se deslocar, com poucos recursos, várias vezes ao longo da vida até conseguir se fixar em Seattle, destino final designado a ele e a sua família por uma organização internacional:

Quando perguntei “Seattle?”, Noubar sorriu com resignação, como se dissesse, melhor Seattle do que a Armênia, que ele nunca conheceu, ou a Turquia, onde tantos foram massacrados, ou o Líbano, onde ele e sua família teriam certamente arriscado suas vidas. Às vezes, o exílio é melhor do que ficar para trás ou não sair: mas somente às vezes. (SAID, 2003, p. 51)

A necessidade de buscar uma saída para a vida de privações e de violência (simbólica, material e física) na terra natal vem impulsionando, desde o século passado, o trânsito entre países, movimento que ganha novo vigor na era da globalização. Uma vez que as grandes migrações foram um dos resultados da modernidade fraturada pelas guerras e pelo imperialismo, é papel da crítica refletir se a questão da diáspora torna-se cara também às artes

e à cultura. De fato, muito tem sido escrito e dito na contemporaneidade sobre representações e imaginários calcados na temática da migração, mas caberia ainda precisar a especificidade de certo tipo de deslocamento, a saber, o deslocamento de “refugo humano”. Mais precisamente, parece-nos relevante investigar se a literatura, enquanto ofício que está em constante tensão com o capital, quando tenta a este resistir (ainda que seja uma resistência fadada ao fracasso, pois a obra de arte também passa a ser encarada como mercadoria), não teria se incumbido da missão de representar o refugo humano na modernidade. Charles Baudelaire, ao menos, segundo Walter Benjamin, trouxe para a lírica o herói marginal (a exemplo da figura do trapeiro e da prostituta) e é, por isso, considerado pelo filósofo alemão o poeta da modernidade. Não é nossa intenção aqui avaliar através de uma amostra farta se há também na literatura refugados em demasia, mas sim analisar um caso em particular da ficção brasileira contemporânea.

1 A representação do refugo humano migrante em *Estive em Lisboa e lembrei de você*

No romance *Estive em Lisboa e lembrei de você*, Luiz Ruffato apresenta ao leitor o narrador Sérgio de Souza Sampaio. Trata-se de um sujeito redundante já no nome, fato visível na aliteração da letra S. Em um primeiro momento pode parecer um exagero considerar o protagonista como parte do refugo. Afinal, embora proveniente de um bairro pobre de Cataguases, cidade do interior de Minas Gerais, Serginho, no início da trama, tem onde morar, além de possuir um emprego fixo e uma moto. A marca de refugo nasce, a nosso ver, da propensão do narrador à instabilidade, sendo o desequilíbrio, paradoxalmente, o elemento constante em sua vida. O relato é construído em duas partes separadas por dois acontecimentos aparentemente anódinos ao enredo: deixar de fumar, voltar a fumar. A presença do cigarro no cotidiano do protagonista, na verdade, funciona como sintoma da queda, pois a recaída no vício se dá no desfecho do romance, quando chegam ao fim as grandes ilusões nutridas na primeira parte da narrativa.

A história de Sérgio alude, em certo sentido, à formação de nossa nação, ao passo que acentua um movimento moderno. Sabe-se que o Brasil, enquanto durou a imagem de novo Eldorado e de terra das oportunidades, atraiu diferentes povos que contribuíram com seu suor para construção do país. Logo, também a identidade brasileira, forjada sobre o mito da mestiçagem harmônica e da convivência de raças, se valeu desses diferentes trânsitos populacionais. Nesse sentido, houve certo processo de compensação em nossa história, pois os sujeitos redundantes vindos do estrangeiro encontraram aqui uma função essencial, compondo a massa de trabalhadores – a princípio, nas ocupações ligadas à terra; posteriormente, nas fábricas localizadas nos centros urbanos. Sérgio, enquanto sujeito mestiço, traz no sangue o vestígio do deslocamento efetuado por seus antepassados e, portanto, ao decidir migrar, reforça essa sina em um novo contexto. Conforme apontou Rita Olivieri-Godet, *Estive em Lisboa e lembrei de você* é um flagrante de uma nova fase da história econômica do Brasil, iniciada aproximadamente em 1980, na qual não mais recebemos, mas sim exportamos mão de obra barata, parcela humana que, em terras tupiniquins, poderíamos chamar de refugados da nação.

O relato de Sérgio traz as desventuras de um sujeito que acredita na possibilidade de recomeço através da mudança geográfica, dramatizando o contraste entre o sonho de enriquecimento fácil no estrangeiro e a dura realidade efetivamente encontrada por lá. Nesse

sentido, longe de ser um romance épico de um herói que luta corajosamente as batalhas do cotidiano em terra estrangeira e, posteriormente, regressa vitorioso à casa, no depoimento que nos chega, minimamente “editado” por Ruffato, a voz da narrativa soa aflitiva e amargurada, dada a sucessão de fracassos vividos pelo personagem. Trata-se mesmo de uma voz subalterna que, para vir a público, precisa de outra que lhe ceda um espaço para a fala fragmentária e deambulatória. Nesse sentido, o jogo proposto por Ruffato – ao se eximir da autoria da obra em uma nota inicial recheada de dados que confirmariam a suposta existência do depoente – parece-nos um elemento enriquecedor que contribui para a sensação de que Sérgio, uma figura representativa de toda uma classe de sujeitos marginalizados, é um ser sem autoridade para falar, alguém que, fora de um contrato especial de fala, está condenado ao silêncio.

Sem perspectivas claras de estabilidade financeira após ter sido demitido por mau desempenho na fábrica onde trabalhava, Sérgio acredita que recomeçar em outro país, aparentemente dotado de mais oportunidades de emprego, é um caminho viável – pensamento reforçado por Oliveira, um português residente em Cataguases. Segundo o lusitano, dono do Beira Bar, Portugal era o melhor destino para a empreitada, pois o país vivia um período de reconstrução:

[...] dinheiro não é problema, falta mão-de-obra, e os portugueses andam assoberbados, “Escolhendo serviço”, e sobram oportunidades pros brasileiros e pros pretos (que é como eles chamam *as pessoas de cor*), e perguntei, simulando desinteresse, que profissões nossos patrícios desempenhavam por aquelas bandas, no que enfileirou pedreiro, bombeiro, eletricitista, ladrilheiro, pintor-de-parede, motorista, garçom (os homens), arrumadeira, atendente de loja, manicure, cabeleireira, tomadeira-de-conta-de-criança e garçonete (as mulheres), com a vantagem de perceber o salário *em euro*, “O lugar certo” pra quem não tem alergia a trabalho [...] (RUFFATO, 2009, p. 26, grifos do autor)

A listagem de profissões acessíveis aos estrangeiros deixa entrever, desde logo, o lugar menor a eles destinado. São profissões pouco interessantes para os “nativos” porque exigem muito esforço em troca de uma remuneração modesta. Cumpre dizer, porém, que é enquanto mão de obra que o estrangeiro tem alguma possibilidade de inserção no sistema do país de chegada. Conforme apontou Julia Kristeva:

O estrangeiro é aquele que trabalha. Enquanto os nativos do mundo civilizado, dos países adiantados, acham o labor vulgar e assumem os ares aristocráticos da desenvoltura e do capricho (quando podem...), você reconhecerá o estrangeiro pelo fato de que ele *ainda* considera o trabalho como um valor. Certamente uma necessidade vital, o único meio da sua sobrevivência, que ele não coroa necessariamente de glória, mas reivindica simplesmente como um direito básico, grau zero da dignidade. (KRISTEVA, 1994, p. 25, grifo da autora)

É através do trabalho que Serginho anseia vencer na vida. Seus planos são simples, porém grandes demais. Os sonhos do personagem podem ser resumidos na seguinte frase: ir a Portugal e lá trabalhar por dois anos, acumular dinheiro, retornar rico ao Brasil, comprar vários imóveis em Cataguases e viver da renda dos aluguéis. Deixar a terra natal é uma decisão saudada por todos os conhecidos da cidade. Sérgio é tratado como celebridade: seu nome corre na boca do povo, pedidos de *souvenirs* e encomendas são feitos antecipadamente com a certeza de que o personagem regressará brevemente com a vida financeira estabilizada. Tamanha é a proporção do boato da viagem que o protagonista é chamado a dar entrevistas na

rádio local. Fascinado pela possibilidade de ter um futuro glorioso, Sérgio chega a visitar imóveis à venda, os quais planeja comprar quando finalmente retornar à pátria. Os planos mirabolantes criam um contraste com a realidade vivida pelo personagem em Lisboa, o que é narrado na segunda parte do livro. Nesse sentido, a primeira metade anuncia um ápice que não se confirma no correr da narrativa, ou melhor, o ápice é a ilusão, o reconhecimento dos cataguasenses do alto valor de Sérgio, quando ele, na verdade, se verá no estrangeiro na condição de refugo.

O protagonista paga as despesas da viagem com o pouco que possui. Para isso, ele vende por uma pechincha sua parte na casa herdada da mãe e recolhe o restante do fundo de garantia, fruto do último trabalho. A pedido da irmã, a moto é deixada para o afilhado de presente. De bolsos quase vazios, o narrador, ávido por ver concretizado o futuro próspero, segue em frente com os olhos voltados para um oásis imaginário que, aos poucos, se revela fantasioso. No aeroporto de Lisboa, recebido sem sorrisos e bons dias, Sérgio começa a se dar conta da realidade e vai “desgostando desse sistema” (RUFFATO, 2009, p. 39) que o trata a *xutos e pontapés*⁶. Em seu primeiro acolhimento em terra estrangeira, quando solicita à atendente do balcão de informações do aeroporto a indicação de um hotel barato, ele é questionado sobre o que o traz a Europa. Após sua explanação, ele é avisado da condição marginal daqueles que chegam para trabalhar sem o visto específico, isto é, sem o consentimento da nação:

[...] delatei o desemprego em Cataguases [...] e meu pensamento de trabalhar firme por um tempo, ganhar dinheiro e voltar pro Brasil, comprar uns imóveis, viver de renda, e, esperançoso, quem sabe, “Nada é impossível”, até mesmo, “Casar de novo”, e ela, assustada, falou pra não repetir aquilo pra ninguém, “Ninguém!”, pois, se descobrem, me pegam e mandam de volta na hora [...] (RUFFATO, 2009, p. 40-41)

No fragmento citado, sobressai a simplicidade e a inocência de Sérgio, visto que ele expõe a uma desconhecida a precariedade de sua permanência no país. É também evidente, nesse momento da trama, a personalidade sonhadora do protagonista (especialmente, na afirmação “Nada é impossível”), personalidade que parece contribuir para uma visão distorcida da realidade, pois, até certo ponto da narrativa, o personagem se mostra incapaz de enxergar a própria condição marginal, seu estar fora do sistema capitalista. Páginas à frente, ele demonstra enfim conhecer a realidade de imigrante refugado, uma vez que se encontra impedido de negá-la, sobretudo, porque a fome bate à porta, porque a possibilidade de encontrar um emprego começa a desvanecer, porque o frio faz doer os ossos sem clemência, porque a saudade da terra natal se impõe devido à falta de perspectivas de melhoria de vida.

[...] confesso que pensei até em arrumar as coisas e regressar, admitir que aquele empreendimento não era pra minha estatura não, que importava se rissem do meu fracasso?, não havia sido assim até o momento?, se quisesse fechar a conta, calcular o deve e o haver da minha existência, o saldo ia ser negativo, não tem como despistar a verdade [...] (RUFFATO, 2009, p. 40-41)

⁶Fazemos referência aqui ao grupo musical português *Xutos e pontapés*, cuja letra de música “Lisboa, a magnífica” é citada como epígrafe no romance de Ruffato. Conforme observaram Amanda Cadore e Tânia Regina Oliveira Ramos (2010), trata-se de uma citação que, marcada pela exaltação à capital portuguesa, se apresenta irônica quando confrontada à visão de Serginho da cidade.

Acima, o narrador parece se conscientizar de seu não lugar no mundo, de sua posição marginal tanto no Brasil quanto em Portugal. Nesse sentido, o canto de saudade à pátria, presente em alguns momentos da obra, não nasce da idealização, posto que, mesmo em sua própria terra, o personagem é um estrangeiro, é parte do refugio. Concordamos, portanto, com a análise das pesquisadoras Amanda Cadore e Tânia Regina Oliveira Ramos quando argumentam que, na narrativa ruffatiana em questão, o narrador experimenta certo mal-estar no país de origem que “se desloca para o sentimento que o imigrante brasileiro desenvolve por sua pátria colonizadora [Portugal]. Uma narrativa de mal estar. Aqui e lá. Um desamor expresso.” (CADORE; RAMOS, 2010, p. 149) Ao decidir trabalhar e viver em Portugal, Sérgio não somente dramatiza o “retorno” à antiga metrópole, ele também mimetiza o lugar menor designado ao sujeito colonizado. Não por acaso, fica evidente, na fala do protagonista (citada acima), certo sentimento de inferioridade quando observa que tal “empreendimento” não estava a sua altura. Abrindo um parêntese, vale a pena atentar que a nação portuguesa também não está apta a oferecer a seus imigrantes uma estadia melhor, uma vez que ela (frente aos grandes Estados nacionais europeus, como Suíça, Alemanha, França) se acha, na atualidade, em posição inferior – Portugal, em certo sentido, é o refugio da Europa. Logo, a escolha de Ruffato em representar a cidade de Lisboa como destino de um migrante miserável (migrante que mal consegue garantir a sua sobrevivência) parece corroborar para a fixação da imagem sustentada pelo país em questão.

O lugar marginal ocupado pelo protagonista é visível, inclusive, no uso que ele faz da língua. A fala de Serginho corresponde a de um sujeito mal escolarizado que não domina a norma padrão. Sendo a língua permeada por relações de poder, não ser capaz de empregar a variante de prestígio se transforma, na narrativa, em uma marca da exclusão vivida pelo personagem tanto na pátria quanto no território estrangeiro. Sérgio, na verdade, é estrangeiro no padrão culto da língua portuguesa, no falar corriqueiro lusitano, bem como no contato com outras línguas pronunciadas pelos turistas na capital portuguesa. O protagonista vive o estranhamento da língua na segunda parte do relato. Essa parte é recheada de palavras e expressões do dialeto lusitano, todas elas grafadas no texto em negrito, aspecto que nos leva a considerar a hipótese de que o espaço e as experiências vividas pelo personagem no exterior reivindicam um novo vocabulário e, às vezes, até uma nova sintaxe. Porém, ser estrangeiro é não se adaptar plenamente às sonoridades locais. Isso se evidencia no texto no modo abrupto com que Sérgio mistura, sem cerimônias, o falar brasileiro (mais especificamente, o falar mineiro, do interior, usado pela população de baixa renda) ao português lusitano, combinação que causa estranhamento também no leitor.

Há, ainda, as tentativas do personagem de dominar outros idiomas quando ele assume a função de garçom em uma *tasca*. O “professor” do narrador é um ucraniano poliglota, chamado Anatólio, colega de profissão, a quem Serginho imita como um papagaio:

Então, comecei a prestar atenção no que ele falava e, orelha em pé, dediquei a aprender a conquistar a gringalhada, estumando a ciumeira do ucraniano, porque, não é pra me gabar não, mas em dois tempos eu já encostava naqueles brancalhões e desatava o meu inglês, Rei ser, Rei mádam, Ria chípe fude, gude fude, uaine, fiche, mite, têm-quíu [...]. Se não tivesse sido mandado embora de lá pouco depois de completar um ano, eu ia virar um novo Anatólio, lascando meu Dídi iú enjói it? pra cima da freguesia. (RUFFATO, 2009, p. 58)

É notável a falta de autocrítica do narrador sobre sua apropriação do inglês, elemento que acarreta certo humor à trama. Também há humor nas tensões existentes entre a visão de mundo de Serginho e a dos lusitanos. Logo nas primeiras páginas da segunda seção, o

protagonista narra um episódio (calcado em uma quebra de expectativas) que confirma a alteridade existente nas relações entre os sujeitos:

[...] deparei com a recepção abandonada, tilintei a campainha uma, duas, três vezes, esperei, e, como não aparecia ninguém, toquei de novo, impertinente, até surgir uma senhora de cara amarrada, enxugando as mãos no avental, gritando mal-humorada que não era surda, sem graça falei bom dia, ela não respondeu, repeti mais alto, ela ignorou perguntando o quê que eu desejava, expliquei nada não, só que, como não havia ninguém no balcão, achei perigoso, *alguém* podia entrar, roubar qualquer coisa, a velha olhou pra mim, com raiva, disse: “Isso aqui não é o Brasil não, ó estúpido!”, e voltou a praguejar, brava, saí de fininho, e desde aí a dona Palmira inimizou-se comigo [...] (RUFFATO, 2009, p. 42-43, grifo do autor)

Acima, Sérgio é frustrado em sua intenção de ajudar o próximo, sendo mal interpretado pela dona da pensão. Vale a pena atentar que, na passagem citada, não está em causa apenas o choque existente entre dois sujeitos de culturas distintas. Há, sobretudo, o desvelamento de uma identidade (a do brasileiro) acrescida de valor negativo (valor reconhecido na fala da personagem Palmira), que é a marca da alteridade⁷. Talvez o aspecto mais importante da narrativa seja os desencontros do narrador com as demais personagens, desencontros que quase sempre resultam em situações desagradáveis e/ou cômicas. É impossível fugir ao conflito, posto que o imigrante “é uma boca a mais, uma palavra incompreensível, um comportamento incomum” (KRISTEVA, 1994, p. 13). Em seu estudo sobre a condição do estrangeiro, Kristeva assinala que o outro não está fora de nós tal como supõe o senso comum; ele faz parte do eu. Logo, reconhecer-se estrangeiro, independente de o ser em termos estritos, implica apagar as diferenças em relação ao recém-chegado, isto é, consiste em aceitá-lo como irmão. Ora, partindo desse argumento, poder-se-ia conjecturar que, por partilharem da mesma condição, os sujeitos migrantes tendem a se ver como comunidade. Essa conclusão, contudo, não se confirma em *Estive em Lisboa e lembrei de você*. Se, por um lado, os personagens migrantes do romance ruffatiano se igualam no sentir-se e ser estrangeiro, por outro eles se acham separados em classes.

Nesse sentido, Sérgio se afasta dos imigrantes ucranianos em vários aspectos (na cor, na posição social, no fator cultural) e se aproxima de outros de origem marginal, a exemplo de Nino, funcionário d’O lagar do Douro: “um guineense retinto, pau pra toda obra, que armava e desarmava as mesas, descarregava os legumes, as verduras, os peixes, os frutos do mar, as carnes, os vinhos, lavava o chão e as **casas de banho**, o primeiro a chegar, o último a sair [...] tratado aos pontapés” (RUFFATO, 2009, p. 56-57, grifos do autor). Apesar de os personagens estarem próximos no tocante à condição subalterna, o brasileiro goza de alguns privilégios não permitidos ao africano, como o de servir as mesas. Assim sendo, a tasca se apresenta no romance como microcosmo representativo de uma sociedade que segrega: o negro deve se ater às atividades invisíveis, mas necessárias (limpar, transportar mercadorias, arrumar os espaços); o mestiço, ao trabalho braçal não aceito pelo branco; o imigrante do Leste-Europeu

⁷ Segundo Janet Paterson: “Alteridade e identidade são inseparáveis. Entretanto, essa relação depende da distinção entre diferença e alteridade. A diferença é inerente aos nossos processos cognitivos [...] Há muitos contextos nos quais uma pessoa é diferente da norma [...] Porém, como explica Landowski, o que está em jogo não é a diferença. Ou seja, é a atribuição de características (ou marcas) semânticas à diferença que produz a alteridade.” (PATERSON, 2007, p. 16) A alteridade, portanto, se estabelece menos pela simples constatação da diferença do que pelos valores conferidos a ela. Esses valores (o que é bom, o que é ruim, o que vale mais, o que vale menos) são estabelecidos pela própria sociedade, ou antes, pelo grupo dominante.

(que, apesar de trazer consigo uma identidade negativa, está em melhor posição), às tarefas mais nobres, já que “os fregueses preferem ser atendidos por um **gajo** louro de olhos azuis” (RUFFATO, 2009, p. 81, grifo do autor).

Outros personagens de triste fortuna são: Baptista Bernardo, africano responsável por cuidar dos próprios filhos enquanto a mulher se prostitui para sustentar toda a família; Sheila, uma brasileira, também prostituta em Lisboa, a quem Serginho se vê ligado (pela condição marginal e pela nacionalidade) durante certo período; Rodolfo e Jerê, brasileiros já fixados em Portugal há algum tempo. Em todos os personagens sobressai o desejo de sair do lugar subalterno e ascender socialmente. Para a concretização dessa empreitada, todo trabalho parece válido, incluindo a mercantilização do próprio corpo:

[...] e, graças a esse *expediente* [da mulher de Baptista Bernardo], os **alfacinhas** usavam **bibes** do Jardim de Infância Santo Condestável, falavam português corretamente, proibidos de usar o **umbundo** em casa, e, verdadeiros cidadãos, iam ter a chance de ser alguém na vida, coisa que os pais não eram em Portugal e nunca tinham sido em Angola [...] (RUFFATO, 2009, p. 55, grifos do autor)

“Serginho”, preciso juntar muito dinheiro porque quero aparecer em Riverlândia por-cima-da-carne-seca, engranada, mandando e desmandando, pra mostrar *pros maiores* “Que sou pessoa decente”, tanto quanto as mulheres de lá, “Até mais”, se bobear, “Porque eu tive que vir pra Europa *fazer a vida*”, sem opção [...] (RUFFATO, 2009, p. 56-69, grifos do autor)

No primeiro fragmento, a fé no futuro promissor é depositada nos filhos, pois eles teriam a capacidade de redimir os atos cometidos pelos pais. Esse futuro, no entanto, tem um preço alto, não só porque, para educar os filhos, a mãe precisa se prostituir, mas, sobretudo, porque o ato de tornar-se cidadão português implica o apagamento de outra identidade – aspecto evidenciado na proibição dirigida às crianças de usar a língua dos ancestrais. Já no segundo fragmento, a fala de Sheila, transcrita por Serginho, deixa entrever similaridades com os sonhos megalomaniacos do narrador (e, nesse ponto, Sheila parece ser um duplo do protagonista), sonhos que revelam a condição subalterna da personagem em seu país. Retornar à pátria com a vida financeira estabilizada se apresenta, nesse caso, como uma forma de compensar o passado calcado em privações e humilhações. Curiosamente, tal como o narrador, a personagem feminina não se dá conta da impossibilidade de sair do submundo pela via de um ofício marginal. Sérgio, Sheila, Baptista e família, Nino, Rodolfo e Jerê (este apenas citado na trama) comungam da fantasia de sair da condição de refúgio – fantasia despedaçada pela realidade – e do “desalento imigrante de quem sabe que de nada serve essa vida se a gente não pode nem mesmo aspirar ser enterrado no lugar próprio onde nasceu” (RUFFATO, 2009, p. 73). O veredicto do não retorno é confirmado por Rodolfo quando afirma: “‘É ilusão, Serginho’, pura ilusão imaginar que uma-hora a gente volta pra nossa terra, ‘Volta nada’, a precisão drena os recursos...” (RUFFATO, 2009, p. 79).

Embora a narrativa permaneça em aberto, sem traçar o destino definitivo do narrador, cabe ao leitor intuir na fala acima, de Rodolfo, que Sérgio não alcançará seus sonhos, que seus parentes e amigos nunca receberão de suas mãos um *souvenir* com os dizeres “Estive em Lisboa e lembrei-me de ti”. O título do romance, nesse sentido, é de uma ironia cruel, pois ao protagonista são vedados os privilégios do turista (categoria que alimenta o comércio de lembrancinhas vulgares) e daqueles cuja viagem ao estrangeiro se dá de forma prazerosa,

como provavelmente foi o “laboratório” do autor Luiz Ruffato em Lisboa, na qualidade de participante do projeto *Amores Expressos*⁸.

Vale dizer que o autor da obra em questão tem origem semelhante ao do nosso protagonista da ficção. Nascido em Cataguases, Ruffato passou por uma série de subempregos e privações até se tornar um escritor de sucesso, além de ter sentido na pele a experiência de deslocamento quando trocou a cidade do interior pela megalópole paulistana. Enquanto exceção que confirma a regra (haja vista o autor ter superado as dificuldades iniciais e alcançado uma posição social estável e de destaque), Ruffato tem se mostrado preocupado em representar os desvalidos e os refugados do sistema em sua literatura, a ponto de nomear, em entrevistas, o seu projeto estético ora de “biografia da classe operária no Brasil”, ora de projeto centrado nos processos de “desenraizamento”. Serginho se encaixa bem no grupo de personagens desterritorializados que sofre os efeitos nocivos da sociedade capitalista e globalizada. Para o nosso narrador, resta apenas o desgosto dos planos não realizados e o gosto amargo do cigarro consumido como compensação do fracasso.

Referências

- BAUMAN, Z. *Vidas desperdiçadas*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.
- BAUMAN, Z. *Vidas desperdiçadas*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005. Resenha de: BITTENCOURT, J. B. de M. *Vidas desperdiçadas*. *Cronos*, Natal, v. 5/6, n. 1/2, p. 351-354, jan./dez. 2004/2005.
- BENJAMIN, W. A Paris do segundo império em Baudelaire. In: KOTHE, F. R. (Org.). *Walter Benjamin: Sociologia*. São Paulo: Ática, 1985. p. 44-122.
- CADORE, A.; RAMOS, T. R. O. Desamores expressos – *Estive em Lisboa e lembrei de você*. *Navegações*, Porto Alegre, v. 3, n. 2, p. 148-153, jul./dez. 2010.
- DERRIDA, J. *Anne Dufourmantelle convida Jacques Derrida a falar da hospitalidade*. São Paulo: Escuta, 2003.
- KRISTEVA, J. *Estrangeiros para nós mesmos*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.
- OLIVIERI-GODET, R. Entre o chão encontrado e o chão perdido: *Estive em Lisboa e lembrei de você*, de Luiz Ruffato. *Aletria*, Belo Horizonte, v. 22, n. 3, p. 131-138, set./dez. 2012.
- PATERSON, J. M. Pensando o conceito de alteridade hoje. Entrevista concedida a S. R. G. Almeida. *Aletria*, Belo Horizonte, v. 16, n. 1, p. 13-19, jul./dez. 2007.
- RUFFATO, L. *Estive em Lisboa e lembrei de você*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

⁸ O projeto cultural *Amores Expressos*, idealizado por Rodrigo Teixeira e João Paulo Cuenca em 2007, consistiu em viabilizar a produção literária de dezessete escritores brasileiros, enviando cada um deles a determinado centro urbano do mundo – a exemplo de São Petersburgo (destino de Bernardo Carvalho), Buenos Aires (cidade destinada a Daniel Galera), Nova York (local concedido a Lourenço Mutarelli). Os escritores participantes da empreitada se comprometeram a escrever um romance ambientado na cidade de destino, bem como a narrar, no blog oficial do projeto, a vivência proporcionada pelo deslocamento.

_____. Entrevista concedida a R. Simon. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=HIWLMHpU2UQ>>. Acesso em: 20 abr. 2015.

SAID, E. *Reflexões sobre o exílio e outros ensaios*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

SANTIAGO, S. O cosmopolitismo do pobre. In: _____. *O cosmopolitismo do pobre*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2004. p. 45-63.

SCHREIBER, M. Proposta mais branda de redução da maioria penal é aprovada na Câmara. *BBC*, Brasil, 2 jul. 2015. Disponível em: <http://www.bbc.com/portuguese/videos_e_fotos/2015/07/150701_reducao_maioridade_penal_ms_rb> Acesso em: 14 ago. 2015.

TRAGÉDIA NO MEDITERRÂNEO pressiona UE a tomar atitude sobre tráfico de pessoas. *BBC*, Brasil, 19 abr. 2015. Disponível em: <http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2015/04/150419_tragedia_mediterraneo_ue_rm>. Acesso em: 20 abr. 2015.